

## A INDISCIPLINA ESCOLAR: POSSÍVEIS CAUSAS E DESAFIOS À PRÁTICA EDUCATIVA

Luana Micaelhy da Silva Moraes; Valéria de Araújo Lima; Alydiane Martins de Araújo;  
Maria das Graças Ferreira de Lima

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB [www.uepb.edu.br](http://www.uepb.edu.br)

**Resumo:** Apesar de ser uma questão antiga, na atualidade, a indisciplina tornou-se um problema cotidiano no ambiente escolar, dificultando a atuação do docente no processo de ensino-aprendizagem, já que envolve uma dimensão social bastante ampla, a começar da família e demais grupos dos quais o aluno é membro. É principalmente na família, não importando o formato que a mesma tenha, onde são cultivados e alimentados valores e princípios que acabam por ser assimilados por crianças e jovens, passando a orientar a postura e o comportamento destes na sociedade. Nesse contexto, alguns professores se desgastam profissionalmente, por não conseguirem impor limites às ações cada vez mais agressivas de seus alunos, visto que a sala de aula deve ser um ambiente social que contribua para a formação de um caráter solidário, de respeito mútuo e cooperação. Para alcançar este fim, os profissionais que atuam na escola, mais precisamente o/a professor/a, deve distinguir a diferença entre os conceitos de autoridade e autoritarismo, termos utilizados de forma recorrente no ambiente escolar. Essa falta de clareza a respeito, pode intensificar as queixas dos professores/as face ao comportamento dos educandos em sala de aula, atribuindo-lhes total culpa pela inadequação das atitudes. Nesse contexto, cabe ao professor identificar os possíveis fatores que acarretam a indisciplina na escola, fatores estes que podem ser de origem psicossocial e/ou pedagógica, devendo ser tratados de maneira conjunta, ou seja, envolvendo todos os segmentos da comunidade escolar. Nessa perspectiva, o que torna viável o enfrentamento desse problema é a construção coletiva do projeto político-pedagógico. O que exige a opção por um processo participativo, cujo ponto de partida é a avaliação da realidade que se tem, no que diz respeito à totalidade da organização e gestão do trabalho escolar. Envolvendo, desse modo, a análise permanente da qualidade das relações que são estabelecidas entre os diferentes sujeitos do processo.

**Palavras-chave:** disciplina; indisciplina; fatores; autoridade; autoritarismo.

### Introdução

Faz-se necessário que, tanto professores, quanto gestores, juntamente com os demais segmentos, reflitam sobre a indisciplina na escola, no sentido de situar os fatores responsáveis e os possíveis caminhos a seguir, no que se refere à redução de comportamentos caracterizados como tal. Portanto, a razão da escolha do tema em questão, se deve a depoimentos de professores e demais funcionários da equipe gestora da Escola Municipal na qual realizamos o nosso Estágio Supervisionado II em Gestão Educacional, no curso de Pedagogia, ao buscarmos identificar os problemas e dificuldades por eles experimentados no exercício do trabalho escolar. Nessa perspectiva, a partir de observações do ambiente e de conversas com esses sujeitos, a indisciplina foi apontada como irrefutável dificuldade presente no cotidiano escolar.

O presente trabalho, objetiva apresentar subsídios teóricos relacionados ao tema da indisciplina escolar, bem como situar concepções de disciplina no contexto das tendências pedagógicas surgidas no Brasil, analisar possíveis fatores que

acarretam a indisciplina escolar e estabelecer a diferença entre autoritarismo e autoridade.

### **Metodologia**

A metodologia utilizada nesta pesquisa, estrutura-se na abordagem qualitativa, possibilitando o levantamento de dados mediante entrevistas e conversas, além de observações realizadas durante o nosso Estágio Supervisionado em Gestão Educacional, bem como a análise da realidade investigada, o que nos permitiu a definição do objeto de estudo em tela.

O ponto de partida para a construção desse artigo, foi a experiência vivenciada no campo de Estágio Supervisionado em Gestão Educacional II, tendo como professora supervisora a Ms. Maria das Graças Ferreira de Lima.

Por meio das observações realizadas e conversas com os funcionários, foi possível identificar a indisciplina como um dos maiores desafios enfrentados na prática docente.

### **Resultados e Discussão**

Ao falarmos sobre indisciplina, logo estabelecemos relação com a disciplina, que, no senso comum, é sinônimo de obediência às regras, às normas e aos superiores. Dessa maneira, a disciplina está ligada a fatores externos ao sujeito, que, se sobrepõem aos valores, opiniões, e desejos dos sujeitos.

No campo da educação, e mais precisamente na escola, para haver disciplina os alunos devem adaptar seus comportamentos àqueles que a escola define como desejáveis. Considerando que, na própria sociedade, os indivíduos também passam por um processo de ajuste para serem socialmente aceitos. Com relação à essa questão, Khouri (apud OLIVEIRA, 2011, p. 29) faz referência a um estudo realizado com professores para saber a opinião destes a respeito do que é ser um bom aluno: na concepção dos professores, “as características do bom aluno apontadas com frequência foram: “bem-comportado, obediente, cumpridor de suas tarefas”. Em contrapartida, o conceito de bom aluno como “ser crítico e reflexivo” aparece raramente nesses depoimentos. ”

A indisciplina é derivada de vários fatores, a mesma pode ser entendida a partir de alguns aspectos históricos que interferem nas nossas atitudes, variando de acordo com os costumes de grupos, região ou país. É impossível não enxergar as mudanças histórico-sociais ocorridas nos últimos anos em decorrência de inúmeros fatores. Se comparado aos dias atuais, podemos notar as grandes mudanças no campo educacional no

que diz respeito a comportamentos e atitudes, tanto de professores quanto de alunos. Faz-se necessário, que os professores passem a olhar a realidade como ela é, considerando os diversos fatores que podem gerar a indisciplina, buscando as causas que induzem a criança a ter tais comportamentos, além de fazer uma autorreflexão sobre suas próprias práticas docentes. Os fatores podem ser divididos em dois tipos: os fatores psicossociais e os pedagógicos.

Os fatores psicossociais correspondem à influência da família, da mídia, à diversidade existente entre os alunos, problemas de distúrbios de atenção e carência afetiva. O ambiente familiar é de suma importância no processo de aprendizagem e nas relações sociais e afetivas, pois as crianças tendem a reproduzir comportamentos e atitudes presenciados por elas no seu cotidiano, como por exemplo: agressão física em decorrência da ingestão demasiada do álcool e de outras drogas. Ou ainda, mesmo de forma dissociada, sem haver relação de consumo, essa reprodução pode ocorrer naturalmente na escola, por meio das brincadeiras (lutas). A forma pela qual os limites são impostos também influencia no comportamento das crianças. Muitos pais/responsáveis não sabem como proceder e não apresentam às crianças os direitos e deveres que a mesma possui.

Entretanto, há pais/responsáveis que, embora se façam presentes e se esforcem para educar seus filhos, tendo como parâmetro valores morais e éticos, estes são abertos às mídias, especificamente à televisão e ao uso dos aparelhos eletrônicos portáteis, através de desenhos, filmes, noticiários, novelas que, muitas vezes, desconstruem tudo aquilo que foi ensinado. A criança, ao se deparar com esse tipo de informação que banaliza a violência e o sexo, tende a reproduzir essa visão como algo natural.

O Brasil é um país diversificado, a população brasileira resulta de uma miscigenação étnica e cultural. Com efeito, a escola é o local onde mais se encontra essa diversidade, e para que haja uma boa relação entre os sujeitos que nela convivem, é necessário que essas diferentes realidades sejam reconhecidas. Os profissionais da educação devem olhar cada aluno como “diferente”, reconhecendo a individualidade de cada um.

Um fator que influencia sobremaneira a não consideração do professor para com a realidade do aluno, segundo (OLIVEIRA, 2011, p. 52), consiste na “ausência de uma proposta pedagógica que assegure o trabalho com a diversidade, fazendo com que o professor manifeste, mesmo que implicitamente, uma predileção por um ou outro aluno e passe a acreditar na capacidade deste em detrimento dos demais.” Há a necessidade da compreensão do professor sobre a realidade de cada aluno. Não reprimir, não é

sinônimo de aceitar tudo, mas com sabedoria, saber lidar com cada um, preservando a essência do papel da escola, evitando que venha a surgir um sentimento de resistência ao estudo e desinteresse.

Outra questão que deve ser considerada são ações caracterizadas como “desvio de atenção”, originadas por fatores psicológicos e emocionais. Nesse contexto, o professor precisa estar atento ao distúrbio de atenção, buscando suas causas para que posteriormente possa tomar atitudes que minimizem esses efeitos. O Transtorno do Déficit de Atenção associado com a Hiperatividade (TDAH) é um transtorno que vem sendo bastante debatido nos últimos anos, em função da frequência dos sintomas apresentados por alguns alunos, relacionados a esse problema, gerando dificuldade por parte da escola em lidar com esses casos.

Sabendo que a atuação do professor em sala não é uma tarefa fácil, e que diagnosticar problemas não se restringe à sua atividade em sala, é imprescindível que a escola promova oportunidades de atualização na formação desses profissionais, na perspectiva do desenvolvimento de um trabalho que atenda a todos os alunos, dentro dos limites possíveis, no que diz respeito à aprendizagem.

A carência afetiva também pode configurar-se como fator psicológico gerador da indisciplina. Muitas crianças sentem falta do carinho e atenção dos pais/responsáveis e passam a ter atitudes e comportamentos indesejáveis ao ambiente escolar, apenas para chamar a atenção sobre si mesmas. Em contrapartida, há também, em muitos casos, o excesso de mimos, afeto, carinho, atenção e que também acaba por culminar em problemas comportamentais. Ambos os casos, requerem do professor, maturidade para lidar com a realidade. Mas, na situação primeira, em especial, na ausência de afeto, o professor precisa ter um olhar mais cuidadoso na sala de aula.

Além dos fatores psicossociais referidos, alguns fatores pedagógicos podem acarretar a indisciplina no ambiente escolar. Estes dizem respeito à imposição ou à falta de regras; à busca do “clima ideal” em sala de aula; aos cursos de formação de professores; à proposta pedagógica e ao sistema educacional do qual a escola faz parte.

Sabe-se que no ambiente escolar, existem diversas regras impostas com o intuito de propiciar uma convivência agradável entre todos os sujeitos. Porém, muitas vezes, ao determinar essas normas, a escola deixa de considerar o meio do qual os alunos procedem. Segundo Oliveira (2011), o professor deve trabalhar em função do aluno real e não do aluno ideal. O aluno real possui limitações, problemas de natureza

psicossocial e outras características que devem e precisam ser identificadas pelo professor, para, só após esse conhecimento prévio, as regras serem elaboradas e discutidas com a participação coletiva, viabilizando assim, um processo democrático.

Quando se realiza o diálogo com os alunos para a definição das regras que precisam ser seguidas, o docente estará respeitando a individualidade dos alunos e oportunizando a possibilidade de autonomia dos mesmos. Os alunos precisam ter consciência da importância das regras na escola e do cumprimento destas para que haja uma boa convivência no ambiente escolar. Para que isso ocorra, as regras elaboradas em conjunto, por meio do diálogo, precisam ser explícitas para que todos possam compreender o porquê de elas existirem.

Após o estabelecimento das regras, decorrente do consenso entre professores e alunos, faz-se necessário observar outro aspecto que pode promover a indisciplina por parte dos alunos e comprometer a aprendizagem dos mesmos, ou seja, o ambiente físico. Se este for inadequado para a realização das atividades pedagógicas (falta de ventilação, pouco espaço, iluminação precária e/ou excesso de alunos em uma mesma sala), a convivência é prejudicada, causando estresse e desinteresse nos alunos e no professor. Nessas condições, cabe à equipe gestora da escola, o encaminhamento de solicitação das medidas cabíveis, dirigidas ao órgão superior responsável, no sentido de solucionar esses problemas que se constituem como fatores intervenientes nas relações em sala de aula.

Outro fator que também pode estar subjacente à indisciplina na escola, reside na própria formação docente. Tendo em vista que os cursos de formação oferecidos aos professores, em grande medida, não instruem para e nem evidenciam as diversidades, complexidades e os atributos particulares que irão ser encontrados pelos docentes em sala de aula. Isso dificulta o trabalho pedagógico e pode ser causador da indisciplina, pois, por não estarem preparados para lidar com os desafios do comportamento dos seus alunos, esses problemas se agravarão com o decorrer do tempo, e o professor acabará por adotar práticas autoritárias e repressivas, gerando assim, novos conflitos.

A formação continuada de professores voltada para a reflexão da prática é apontada por Oliveira (2011), como um possível caminho na solução dos problemas encontrados no cotidiano docente. Dessa forma, os professores ampliariam seus horizontes através da troca de experiências e estudos sobre conflitos enfrentados, melhorando a sua atuação e transformando o exercício desta, se assim for necessário.

Além de uma formação de qualidade voltada para a transformação da realidade, a referida autora (op. cit., p. 65) afirma que “a ausência de uma

proposta pedagógica bem definida pode ser outro determinante da indisciplina”. Muitas vezes, a escola segue um padrão tradicional imposto pelos órgãos superiores da educação. Porém, esse padrão não considera a realidade do aluno e o contexto social em que a escola está inserida. Como exemplo, algumas imposições do sistema educacional, são: turmas numerosas, escolas superlotadas, falta de material didático, sistema de avaliação do rendimento dos alunos, trabalhos burocráticos excessivos, remuneração insatisfatória e outros aspectos no que diz respeito ao aspecto físico da escola, interferem negativamente no comportamento dos alunos.

Além disso, os conteúdos, a metodologia e a avaliação, nem sempre são condizentes com a vida do aluno, impossibilitando assim a aprendizagem. Para que os alunos tenham interesse pela matéria, é preciso que o professor explicita qual sua importância para a vida dos educandos e discuta com eles a razão de cada conteúdo ser estudado. “O educador precisa assumir uma prática progressista na qual é tarefa docente não é apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar, a raciocinar” (Oliveira, 2011, p. 67).

É imprescindível o envolvimento de ambos os lados nas discussões e a inserção de atividades lúdicas que despertem no estudante a vontade de aprender e de envolver-se cada vez mais no processo de ensino-aprendizagem, transformando esse processo vertical em horizontal. Se isto não acontece, os estudantes passarão a buscar outras formas de se realizar na escola, desencadeando a indisciplina.

Razão pela qual a autora (op. cit.) enfatiza a importância de a escola elaborar o seu projeto político-pedagógico como possibilidade de desenvolver, uma reflexão/avaliação sobre os problemas existentes na realidade em questão e as perspectivas de mudanças da prática. O projeto político-pedagógico construído a partir da escuta e do diálogo com os diferentes sujeitos da instituição escolar e da comunidade externa, proporcionará uma revisão conjunta da prática exercida ao longo dos anos, oportunizando assim a mudança de atitudes, mediante a revisão de princípios, na compreensão de que “o comportamento indisciplinar não é simplesmente uma ação, mas uma “reação” aos fatores externos à criança” (op. cit., p. 70). Somente a partir do diálogo, a escola poderá superar ou pelo menos reduzir os transtornos causados pela indisciplina, inclusive para que a culpa não recaia apenas no aluno.

No contexto escolar, a criança é obrigada a se submeter a uma autoridade e a obedecer às regras. Por isso, se faz necessário não confundir autoridade com autoritarismo, visto que a autoridade tem a função de motivar, orientar e proporcionar um clima prazeroso no ambiente social, quer seja de trabalho, ou não. Enquanto que, o

autoritarismo ocorre quando uma pessoa ocupa um patamar hierárquico mais elevado e usa de seu status de autoridade para impor aos outros as normas que devem ser obedecidas.

Diante disso, o professor, em sala, para manter a disciplina, pode optar por um dos dois modelos distintos de atuação: ou usa o autoritarismo para coagir as crianças a obedecerem por meio de ameaças e imposições, ou proporciona um clima democrático na sala de aula, educando e incentivando-as a ajudar no estabelecimento das regras e a entender a importância de respeitá-las. No primeiro modelo de disciplina, é aquela que sendo imposta, é extremamente desgastante para ambas as partes, por se configurar como uma disputa de poder entre o educador e o educando. Quando essa autoridade faz uso de meios violentos para se impor, ela cede lugar ao autoritarismo.

Ao analisar essa forma de imposição da disciplina na escola, constata-se que o objetivo não tem sido alcançado, pois, os alunos não temem as punições nem os castigos, e a indisciplina transforma-se assim, em protesto e num meio para atrair a atenção dos colegas e professores.

Ao contrapor-se a essa prática autoritária, o professor não precisa abrir mão de sua autoridade, ele pode ser democrático, buscando sempre o diálogo com a classe, procurando o melhor caminho para solucionar os problemas.

Outro fator evidentemente importante para os educadores, é que a própria criança sente necessidade de uma autoridade para lhe impor limites, pois são justamente os alunos indisciplinados, os que mais exigem do professor a ordem. Na visão dos alunos, os professores se dividem em duas categorias: os que se fazem respeitar e os que não se fazem respeitar. Exercer a autoridade exige do professor uma “certa arte, sensibilidade, seriedade, capacidade de prever” (Freire, apud OLIVEIRA, 2011, p. 80).

## **Conclusões**

Esta pesquisa nos permite compreender a dimensão histórica-social que a indisciplina envolve. Visto que, esta temática possibilita-nos analisar e refletir sobre a prática docente e os obstáculos enfrentados no cotidiano escolar pelos profissionais da educação. Freire (op. cit.), enfatiza que existe um vínculo entre indisciplina, autoridade e liberdade. O mesmo defende que a disciplina é uma das tarefas da autoridade, é trabalhar no sentido de a liberdade assumir a disciplina como necessidade. A educação escolar, por meio da autoridade da disciplina, deve despertar na criança o senso de igualdade, justiça, direito e deveres, enfim, cidadania.

Nessa perspectiva, o professor como autoridade, deve trabalhar para alcançar uma disciplina libertadora, que torne o indivíduo crítico e consciente de suas responsabilidades. Esta tarefa, cabe não somente ao docente, mas a todos os segmentos que atuam no ambiente escolar. Por conseguinte, é incontestável a necessidade de que a escola não trabalhe sozinha, pois, a participação da família é fundamental na construção desse indivíduo que compreenda seus direitos e que seja senhor de seus deveres, sem perder de vista a responsabilidade com o coletivo.

### **Referências**

OLIVEIRA, Maria Izete de. **Indisciplina escolar: determinantes, consequências e ações**. 2 ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2011.